

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO.—Aquarellas, O parasita. — Romance, Amor de mãe.—O prisioneiro.—Os immortaes, O caçador de Harz. —Revista dos theatros.—Poesias, Desalento, A locomotiva e o vapor, A L., A um proscripto, Pensativa.—Chronica elegante.— Noticias á mão, Chronica industrial e Bulletin bibliographico.

Aquarellas.

II.

O PARASITA.

Sabem de uma certa herva que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas arvores? E' a parasita.

Ora, a sociedade que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena, da parasita. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.

E' uma longa e curiosa familia a dos parasitas sociaes; e fôra difficil assignalar na estreita esphera das aquarellas — uma relação synoptica das differentes variedades do typo. Antes sobre a torre, agarro apenas na passagem as mais salientes e não vou mergulhar-me no fundo e em todos os recantos do oceano social.

Ha, como disse, differentes especies de parasitas.

O mais vulgar e mais conhecido é o da mesa, mas ha-—os tambem em litteratura, em politica, e na igreja. E' praga antiga, e raça cuja origem se prende á noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*. Da India, essa avó das nações, como diz um escriptor moderno, são poucas as noções a respeito; e não posso marcar aqui com precisão o desenvolvimento dessa casta curiosa no velho paiz. Em Roma, onde lemos como n'um livro, já Horacio, comia as sopas de Meeenas, e banquetava abgremente no *triclinium*. E' verdade

que lhe pagava em longa poesia, mas, nesse tempo, como ainda hoje, a poesia não era ouro em po, e este é a grande estrophe de todos os tempos.

Mas, tregoa á historia.

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as fórmas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo — sem mais preambulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Ha talvez pouco a dizer — mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta physionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas á economia vital deste animal perigoso. Inutil. Elle vive por toda parte em que ha ambiente de porco assado.

Tambem é ahi onde elle desenvolve melhor todas as suas faculdades; — onde se sente *à son aise*, como diria qualquer babel encadernado em paletot de inverno.

Perfeito parasita deve ser perfeito gastronomo; mesmo quando não goze essa qualidade por vocação do berço, é um resultado da pratica, pela razão de que o uso do *cachimbo faz a boca torta*.

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animaes. Olfato delicado advinha a duas legoas de distancia a qualidade de um bom prato; paladar susceptivel — sabe absorver com todas as regras da arte — e não educa o seu estomago como qualquer aldeão.

E como não ser assim, se elle não tem outro cuidado nesta vida? e se os limites da mesa redonda são os horisontes de suas aspirações?

E' curioso vel-o na mesa, mas não menos curioso é vel-o nas horas que precedem ás secções gastronomicas. Entra em uma casa ou por costume ou *per accidens*, o que aqui quer dizer

intenção formada com todas as circumstancias aggravantes de premeditação, e superioridade de armas. Mas supponhamos que vai a uma casa por costume.

Eil-o que entra, riso nos labios, chapéo na mão, o vacuo no estomago. O dono da casa a quem ja fatiga aquella visita diaria saúda-o eonstrangido e com um riso amarello. Mas isso não é decepção; tão pouco não desarma um bravo daquella ordem. Senta-se e começa a relatar noticias do dia, entremeiadas de algumas de propria lavra, e curiosas — a attrahir a affeição vacillante do hospede. Daqui um criado que vem dar o signal de combate. E' o alvo a que visava o alarve, e eil-o que vai irremediadamente pagar-se de uma tarefa de almanak, tão eustosamente exercida.

Se porém elle entra *per accidens* — não é menos curiosa a scena. Começa por um pretexto que deve lisongear as pessoas da casa conforme os seus fracos. Assim, se ha ali um autor dramatico o pretexto é dar um parabem sobre a ultima peça representada dias antes. Sobre este molde tudo o mais.

Se ás vezes não ha um pretexto serio, não trepida ainda o parasita; ha sempre um de lado, como substitutivo: *saber da saude do amigo*.

Mas, entra elle; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a rhetorica que pôde inspirar um estomago vasio, um Jeremias interno. Segue-se depois, pouco mais ou menos, a mesma scena. No fim está sempre como orla de horizonte uma mesa mais ou menos appetitosa, onde a reacção se opera largamente.

Ha, porém, pequenas desgraças, accidentes inesperados na vida do parasita da mesa.

Entra elle em uma casa onde espera almoçar folgado; — faz as primeiras saudações e vai córar a pilula ao seu caro hospede. Um certo ranger de dentes; porém, começa a agital-o, um ranger particular que indica um estado mais calmo aos estomagos da casa.

— Então como vai? Sinto que chegasse agora, se mais cedo viesse almoçava comigo.

O parasita fica de cara á banda, mas não ha remedio; é necessario sahir com decencia e não dar a entender — o fim que o levou alli.

Estas eventualidades, estas pequenas misérias, longe de serem decepções, são como o cheiro da polvora inimiga para os soldados, um incentivo na acção. E' uma indole miseravel a desse corpo levião em que só ha animalidade e estomago; mas, entretanto é necessario aceitar essas creaturas taes como são — para aceitarmos a sociedade como ella é. A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra? Eterno antagonismo das condições humanas!

O parasita da mesa, uniformisa o exterior com a importancia do hospede; um cargo elevado pede uma luva de pellica, e um botim de polimento. A' mesa não ha ninguem mais attencioso; — e como um conviva alegre, aduba os guizados com punhados de sal mais ou menos saboroso.

E' uma retribuição razoavel — dar de comer ao espirito de quem lhe dá comer ao corpo.

Aqui não ha desaire, ha uma troca reciproca que prova que o parasita tem susceptibilidades em alto gráo.

Estes traços, mais ou menos exactos, mais ou menos distinctos, dão aqui uma pequena idéa do parasita da mesa; mas esta variedade do typo é absorvida por outras de uma importancia mais alta. Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espirito e da consciencia; — aqui são os epicuristas á custa alheia, os outros são as nullidades intellectuaes que se agarram a primeira tela de propriedades succulentas que lhe vai ao encontro.

São imperceptíveis talvez estes lineamentos — e accusam a acceleração do pincel; passemos ás outras variedades do typo onde achamos fórmãs mais amplas e proeminencias mais distinctas.

M—as.

AMOR DE MÃI

ROMANCE ORIGINAL.

por

M. DE AZEVEDO.

(Continuação do n. 2.)

CAPITULO III.

O AMIGO.

— Chamo-me Samuel Oscar. Em 1826, tinha eu então 32 annos, embarquei em uma galera que ia para a Africa. Era a sexta viagem que fazia; assim, estava pratico do mar, como se fosse marinheiro antigo, e nadava então como um peixe. Essa galera em que embarquei, destinava-se a negocio de escravos. Nesse navio ia um homem chamado Marcellino, sympathisei com esse homem, assim que o vi, e tambem com elle, parece, que aconteceu o mesmo, de sorte que, no fim de alguns dias, havia já tanta amizade entre nós, como se fôssemos conhecidos antigos.

— E que bom homem não era Marcellino! E viram-se duas lagrimas correr pelas faces do velho.

— Chorais, meu velho?!

— Sim, lastimo a sorte desse meu amigo, desse homem virtuoso e franco, desse esposo infeliz, desse pai... Mas são supremos os arcanos de Deus.

— Fizemos feliz viagem até Melinde; ah!, nessa cidade, enchemos o nosso navio da mercadoria, que tínhamos ido buscar, e nos fizemos de vela. Cada dia encontrava eu mais amizade em Marcellino, elle me amava tanto que parecia meu irmão. As vezes, era já bem tarde, a lua parecia parada no meio do céu, e a sua luz, cahindo sobre a superficie das aguas, se reflectia como em um espelho; o vento frio da noite enchendo as vélas do navio, o impellia ligeiro por sobre as ondas, como se fôra um passaro, que nadasse com as azas abertas: tudo então era silencio, só se ouvia o bater do mar no costado do navio, porém mesmo nessas horas de solidão, eu via um homem entrar no meu camarote, era Marcellino.

— O que tendes? perguntava-lhe eu.

— Aborreci-me de estar só. Aqui, no meio deste oceano, olhando para o mar, e para o céu, lembro-me á cada momento de minha mulher e de meu filho, e fico tão triste... ao menos quando estou contigo, Samuel, me distraio um pouco...

— Coitado!

— Coitado, sim, Snr. Arthur era um homem, que mostrava amar a sua mulher e a seu filho, como nem sei dizer-vos. Aquelle coração era de sua familia... Mas fomos continuando a nossa derrota, a viagem ia sendo muito feliz.

Para consolar Marcellino, dizia-lhe eu sempre:

— Breve estaremos em terra, e então findarão as vossas saudades.

— Deus te ouça, me dizia elle. Mas se eu morrer antes do termo da viagem?

— Deixai-vos de agouros, respondia eu promptamente.

— Estavamos na altura de Cabo Frio. Era noite, lembro-me bem. O capitão nos disse, que iam ter uma tempestade, e com effeito o mar começou a ficar negro, e a encapelar-se, o vento a soprar rijo, em breve os relampagos, os trovões, e a chuva completaram o quadro medonho, que constitue uma tempestade. O terror, o susto apoderou-se de todos. Ondas altas como aquellas montanhas pareciam querer passar por cima do navio; o mastro da proa partiu-se, então tornou-se geral o alarma, e a desolação. Eu estava perto do tombadillo, pensando que aquella seria tal-

vez a minha ultima viagem, e nesse momento Marcellino veio ter comigo, e disse-me cheio de terror.

— E's meu amigo, Samuel Oscar?

— Duvidais, Marcellino? respondi eu; por este mar revoltado, por este céu negro, vos juro que o sou.

— Pois bem, continuou elle, minha mulher chama-se Alzira, reside perto da Copacabana, tenho um filho de dous annos: sei que morro; assim pelo teu coração, pela nossa amizade, peço-te, que se te salvares, cuides de minha familia como se fosse tua, dispõe da minha casa, como se fosses senhor della, manda educar meu filho, e entrega á minha mulher este pequeno cofre, que encerra o meu retrato, o della e o do meu filhinho. Disponho de algum cabedal, serve-te delle para sustento da minha familia, para... E veio uma onda, que levou o meu pobre amigo.

— Infeliz!

— Em breve o navio começou a fazer tanta agua, que se foi submergindo, o commandante mandou alijar ao mar alguma carga, mas tudo foi inutil, tinha chegado a hora da desgraça: então entrei em um escaler, cortei o cabo que o prendia ao convez do navio, e entreguei-me á mercê das ondas. Parte da tripulação pereceu, parte salvou-se em outros escaleres.

Dous dias experimentei em um pequeno escaler o furor do oceano, depois o mar foi perdendo a sua furia, e eu vim dirigindo o barquinho para esta praia; queria cumprir logo o pedido do meu amigo.

Quando alcancei a terra, estava fraco e abatido, como um naufrago. Entrei naquella taverna, que alli vedes, e bebi um trago de vinho. Reanimei-me um pouco.

Comecei logo a tirar informações da infeliz viuva... porém, disse o velho interrompendo a sua narração, alli vai a douda!

— E até aqui ainda não me dissestes uma palavra sobre aquella infeliz!

— Deixai-me continuar. Estava eu fallando com o dono da taverna, quando elle disse-me:

— Parece-me que a mulher que procurais alli vai com uma criança.

Voltei-me, e vi uma mulher passeando pela praia com um menino pela mão. Dirigi-me á fallar com a viuva de Marcellino. Ia eu chegando a praia, quando ouvi a pobre mulher dar um grito; apressei os passos. Coitada, a infeliz criança tinha sido arrebatada pelas ondas.

— Ah! que fatalidade!

— Lancei-me precipitadamente ao mar, e salvei o menino; mas então não sabia em quem havia de cuidar; Alzira estava desmaiada so-

bre a arcia, e o seu filho ainda necessitava de cuidados.

Levei a criança á taverna, mandei buscar depressa soccorros medicos, e vim ter com Alzira. Tinha ella voltado a si, mas estava com o semblante tão pallido, tão desfigurado, que parecia um cadaver; corri e fui buscar o seu filho, que graças ás providencias immediatamente dadas pelo medico, tinha recuperado a respiração e a circulação, e voltado assim á vida.

Apresentei o menino a Alzira, porém a pobre mulher, rindo-se como uma douda, exclamou;

— Meu filho morreu!

— Que infeliz!

— Quiz despersuadil-a do engano em que estava, mas foi tudo baldado, a pobre douda continuando a rir-se, respondia-me.

— Meu filho, não, meu filho morreu!

Depois, começou a correr pela praia, gritando — meu filho, meu filho, e desapareceu.

— Então essa douda é a viuva do vosso amigo?

— Sim, é a infeliz Alzira.

Fiz esforços para conduzil-a á sua casa, mas tudo foi inutil.

Desde então começou a vagar pelos montes e pelas praias, como ainda faz hoje. E já lá se vão 16 annos, que essa mulher supporta essa vida nomada e desgraçada!

Procurei desde então alliviar o seu martyrio, e minorar os seus tormentos. E ha 16 annos que vélo pela vida dessa infeliz, da desditosa Alzira; ha tambem 16 annos que o velho Samuel Oscar sóbe todos os dias aquelle outeiro, para deixar, junto á parede da ermida alguma refeição para a infeliz douda.

E ainda não houve um dia, em que Samuel, o antigo amigo de Marcellino, deixasse de cumprir a sua palayra, de amparar e proteger a familia do seu amigo. E o pranto interrompeu a narração de Samuel Oscar.

— Tranquillisai-vos, meu bom velho, e diizei-me, o que foi feito desse menino, que salvastes das ondas.

Samuel, enxugando as suas lagrimas, continuou assim.

— Entreguei-o a uma minha irmã, que o criou como se fosse seu filho. Retirando-se essa minha irmã para a Europa, levou com sigo esse menino, que teria então sete annos.

— Continuai, continuai.

— Lá cresceu, e lá se educou; quando voltou estava moço; então lhe escrevi com o nome de Marcellino, mandando-lhe dizer, que todos os mezes receberia do cambista Alonso uma

certa quantia para as suas despezas; além disso, participava-lhe, que tinha um emprego em uma casa de commercio, e lhe enviava dous retratos: um era o do seu pai, outro era o d'elle, quando criança, e....

— Ah! disse Arthur interrompendo o velho, recebi esses retratos; quanto vos devo, meu bemfeitor, meu amigo, meu pai! E começou a abraçar a Samuel Oscar e a beijar-lhe as mãos.

— Ah! meu Arthur, só agora reconheceste o amigo do teu pai; mas eu nunca me esqueci das tuas feições. Ainda me lembro dos teus cabellos louros, dos teus olhos vivos, do teu rosto de criança. E's o retrato de teu pai, abraça-me, abraça-me, meu Arthur....

— E minha pobre mãe, como tem soffrido!

— Pelo amor que te consagrava! Ah! Arthur, o amor de mãe, foi o maior amor que Deus creou no mundo!

— E porque não me narraste mais cedo a historia da minha familia? Teria eu, á mais tempo, reconhecido a minha infeliz mãe e o amigo de meu pai.

— Se quando voltaste da Europa, te dissesse eu logo quem era, bem depressa desejarias saber de mim, qual a historia de tua familia, e vendo eu a desgraça que acontecera a tua mãe, desejava não atormentar o teu coração dizendo-te: Arthur, aquella infeliz é tua mãe!

— E não tendes repetido sempre a minha mãe que seu filho ainda vive?

— Sim, mas tudo em vão; quando lhe fallo nisso, ou ri-se ou chora!

— Coitada! Ah! levai-me aonde ella está, quero vel-a, quero fallar-lhe; talvez conheça a voz de seu filho.

— Vamos, Arthur, e praza aos céos que as tuas tentativas sejam mais felizes do que as minhas. E Samuel Oscar foi conduzindo Arthur para a ermida.

(Continúa).

O prisioneiro.

I.

A natureza inteira parece dormir.

Apenas esse gemido intercortado que se escapa do seio dos dormentes, vem como um murmurio quebrar o silencio da noite. São os suspiros do somno, que vem confundir no seu encontro a riqueza, a pobreza, o luxo e a miseria.

Tudo dorme.

A tenda do Emir se entrega aos braços do descanso. As pallidas houris da voluptuosidade, as seductoras escravas do chefe—sonham talvez as delicias dos beijos do senhor, e por sua mente encandescida revoam o ciúme e o prazer.

Os soldados repousam. Seus corseis afadigados sonham com os clarins da guerra e os gritos dos moribundos.

Os prisioneiros dormem.

Só Girey vêla.

As suas lagrimas correndo lhe silenciosas pelas faces vão alagar a pedra que lhe serve de travesseiro.

Só Girey vêla — Girey — o prisioneiro da manhã.

Unico — encontrara a ardente caravana do Emir. Seu ginete veloz como o relampago, expirou. A frexa do barbaro atravessara seu fianco. Nem elle poudo erguer um tumulo ao nobre amigo de seus afans, ao seu salvador.

O furor, o desespero em vão relampejam nos seus olhos.

De que lhe serve a fina espada de Damasco? de que lhe serve a lança que contava tantos trophéos?

A sua tenda — levantada no meio do deserto como o pharol ao amigo, como o terror do adversario — quem sabe? — talvez nem se possa sustentar!

Seu estandarte de batalha inclina-se para a terra. O vento não sacudirá mais a bandeira vermelha do sangue dos contrarios!

Os emblemas de suas victorias, as fronte pallidas ou avermelhadas do inimigo já não estarão penduradas na frente de sua tenda de guerra.

O guerreiro que por lá passar talvez não diga; — Aqui foi a morada de um bravo. — Girey está prisioneiro.

E agora só curte angustias — porque está longe dos seus; — e aquellas mãos que tão bem manearam a espada — agora presas — não se podem mover para enxugar suas lagrimas.

E elle chora!

E que bravo não choraria? — E' o pranto da raiva, é o pranto do desespero que lhe enjumesce o seio!

Lagrima quente! Gotta da saudade que vem debruçar-se sobre suas palpebras e murmurar-lhe: — Tua mulher, teus filhos — tudo perdeste. Amanhã a espada do escravo centelhará e tua fronte gloriosa hade rojar pelo chão, exposta aos abutres! — Coitado! — seus olhos não se fecliam, e seu coração agitado nem tem

uma esperança que o illuda, phanal imperceptivel na extrema d'esse horisonte tão negro!

II.

Surgiu a aurora. Ao som dos bellicos tambores ouve-se a voz do Emir.

De longe, prisioneiro, Girey soffre ainda todos os martyrios, com a raiva no coração.

O Emir manda cessar o alvoroço. A soldadesca dirige-se para suas tendas.

Só o chefe permanece no campo.

Elle approxima-se de Girey.

Nos seus olhos não faisea o odio; no seu rosto pallido e bello lê-se a bondade; seus labios parecem murmurar perdão.

Esta serenidade anima Girey. Talvez por entre as nuvens negras do futuro sinta luzir-lhe uma esperança!

O chefe dirige-se a Girey.

— Prisioneiro! Repara bem na tua ousadia. Vê que temeridade foi a tua, e a tua mesquinhez diante de mim! Teu braço fraqueou; teu corseel pendeu moribundo, e....

Ao ouvir pronunciar o nome de seu ginete fiel, o Arabe soltou um gemido da mais profunda agonia. Entretanto logo conteve a expressão de odio que relampejou em seus olhos.

— E no entanto, continuou o chefe, tu és um bravo. Tenho visto sobre minha fronte milhares de espadas; — nenhuma tão bem manejada como a tua. E's um bravo!

Talvez nesse instante uma lagrima de agradecimento viesse encher-lhe os olhos.

O chefe chamando um dos escravos mandou romper os ferros que agrilhoavam o valente Arabe.

Depois dirigindo-se a elle, exclamou.

— Dá-me tua mão. E' a mão do mais valente cavalleiro que tenho apertado em minha vida.

N'um sorriso Girey achou-se em seus braços.

— Senhor, disse-lhe o Arabe, minha alma pertence-vos, minhas riquezas são vossas. Serei vosso irmão no coração e nas armas.

Poucos dias depois a familia de Girey habitava a tenda do Emir.

A fama das glorias desses dous chefes percorria a Arabia.

E todos, ouvindo pronunciar seus nomes, exclamavam n'uma só voz:

— São dous irmãos nas armas; são dous irmãos no coração!

Os immortaes.

(LENDAS.)

I.

O CAÇADOR DE HARZ.

As lendas são a poesia do povo; ellas correm de tribu em tribu, de lar em lar, como a historia domestica das idéas e dos factos; como o pão bento da instrução familiar.

Entre essas lendas apparecem os contos populares dos immortaes; em muitos povos ha uma legenda de creaturas votadas á vida perpetua por uma fatalidade qualquer. Sabido é o mytho do paganismo grego que mostrava Prometheo atado ao rochedo do Caucaso em castigo de seu arrojio contra o céo, onde se guardavam as chaves da vida. Um abutre a rasgar-lhe as visceras, o figado a renascer á proporção que era devorado, e depois um Hercules, individualidade meio — ideal, e meio — verdadeira — que o desata das correntes eternas — tudo isto embelleza a arrojada concepção do grande povo da antiguidade.

Um apanhado ligeiro de algumas dessas lendas, vai o leitor contemplar diante de si. Começo por uma ballada allemã; o povo allemão é o primeiro povo para essas concepções fantasticas, como um livro de seu compatriota Hoffman. As margens do Rheno são uma procissão continuada de tradições e de mythos, em que um espirito profundamente supersticioso se manifesta. E' lá a verdadeira terra da fantasia.

Resa a tradição popular, que um cavalleiro daquellas regiões era doido pela caça a que se entregava de corpo e alma como o rei Carlos IX, que não tinha outro merito além desse, excepto o de fazer matar huguenotes, doce emprego para um rei imbecil como era.

Era pois o tal cavalleiro da lenda um caçador consumado, e tanto que fazia da caça o seu cuidado favorito, unico, exclusivo. Esmolas? elle não as dava quando na estrada se lhe apresentava a mão descarnada do mendigo; curvo sobre seu cavallo fozoso lá ia elle por montes e valles, como o furacão do inverno; tudo destrua, tudo derrubava, ao pobre lavrador que gastava tempo e vida nas suas messes; passava pela igreja como pela porta de uma taverna; nem lá entrava para orar — ao menos pelo descanso de seus antepassados; o sino que chamava os fleis á oração não chegava a seus ouvidos ensurdecidos pelo som da corneta; era a raiva da caça. Deus cansou-se com aquella vida de destruição, e o ferio com sua mão providencial. O castigo cahio sobre a cabeça desse

cavalleiro condemnado a vagar pelas florestas da montanha de Harz, envoltos elle, cavallo, e fouveiros no turbilhão de uma caça fantastica. Todas as noites o povo crê ouvir o caçador eterno com toda a sua comitiva em busca de victimas na floresta. Não é talvez mais que um effeito de imaginação esse rumor da montanha produzido pelo sopro de um vento dominante nesta floresta; mas o povo crê, e não convém destruir as fabulas do povo.

Se é um facto, se é a demonstração de uma maxima, não podemos aqui discutir; eis ahí a tradição que o engenho popular construiu, e a religião das lendas tem conservado. Ha talvez aqui uma bella analyse; talvez uma definição que se compadeça com os destinos do povo. Este cultivo dos mythos não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?

E' o que não sabemos.

M. A.

Revista de theatros.

SUMMARIO. — S. JANUARIO *Arthur ou depois de deseseis annos*. Uma companhia de esperanças. — S. PEDRO DE ALCANTARA. Duas comedias. — Defeitos de desempenho. Anomalias de scenario — Tradução. — LYRICO. Os *Martyres* — Um imperador em risco de constipar-se.

Dia de muito é vespera de nada. E' um rifão velho e acertado que vem muito a proposito nesta situação.

Domingo passado a minha revista foi larga e volumosa; a leitora desculpe, esta será magra e minguada. Eterna lei das compensações!

Já tem ido ao velho theatrinho de S. Januario? E' uma pequena companhia de aspirações modestas que se vai desenvolvendo, bem arredada de seus companheiros.

Na tarde de domingo ha lá a sua pequena sessão artistica da qual os espectadores sabem plenamente satisfeitos. Não estranhe a leitora; os poucos elementos da companhia, postos em acção e desenvolvimento pelo talento reconhecido do empresario, e pela boa vontade de todos caminham perfeitamente, e aquellas tendencias balbuciantes não sahem imprudentes e inoportunas a esphera das primeiras praticas.

Representou se lá domingo passado o *Arthur ou deseseis annos depois*. Pequeno drama e accommodado ao theatro, nada deixou a desejar no desenvolvimento; todos disseram o seu papel com talento e expressão, e o character sentimental e travesso de Arthur foi bem desenhado em scenas cheias pela Srta. *D. Jesuina Montani*. A leitora, como toda a população, conhece essa actriz de merito, que com applauso tem pisado em todos os theatros da côrte. Eu que não fallo com as loucas pretenções de partido em arte, o mais tolo dos partidos,

posso dizer aqui em segredo á minha leitora : com o Sr. De Giovanni e D. Jesuina a nova companhia promette. Trate o talentoso empresario da boa escolha do repertorio, da acquisição de vocações encobertas e conduza os espiritos de sua platéa gradual e suavemente a uma nova esphera de arte mais larga e mais philosophica, e eu asseguro, do estofado desta conversadeira, um futuro de proveito para a arte.

No theatro de S. Pedro houve, domingo passado, duas comedias novas — cuja representação deixou a desejar em parte.

Mostrar os defeitos em materia de arte, é aperfeiçoar, e estou certo que os olhos que me lerem agora aprofundarão toda a pureza de minha alma, e toda a castidade das minhas intenções.

O theatro de S. Pedro, é o grande theatro nacional, por cujo engrandecimento faço eu votos. Todas as observações, pois, feitas aqui levam em mira o bem do theatro e o bem publico. Deve-se entender assim.

Não faço analyse profunda ; nem pretendo especialisar defeitos. Os Snrs. Martinho, Barbosa e Pedro Joaquim, disseram bem o seu papel ; e o Sr. Montani, nos *C. bellos de minha mulher*, foi tambem soffrivel. — Mas o que foi máo, e fica abaixo da analyse não é de necessidade inserir aqui. Com effeito pôde a Sara. Ricardini representar papeis como o da mulher do inspector das bagagens ?

A platéa ficou completamente incommodada, e eu na minha imparcialidade de chronista devo relatal-a por amor da verdade.

A Sara. D. Thereza Soares, moça de talento para o theatro, tem tambem muito que aprender — e em certas entradas, e algumas situações fez sahir completamente a peça. Faça a mesma senhora um estudo mais profundo da arte a que se dedica e — o futuro e a reputação virão enlaçados procural-a no tablado.

E' preciso comprehender que não ha rosas sem espinhos, e que a rosa da arte é a primeira das rosas comprehendidas no adagio.

As decorações merecem tambem duas palavras. Em vez de accomodar o scenario ás situações e circumstancias, a pessoa encarregada disso confunde totalmente — e commette anachronismos de tirar o chapéo.

Os olhos da platéa já estão fatigados de oscilarem entre decorações gastas e importunas. E' preciso notar, vem muito ao caso esses accessorios de disposição para o bom exito de uma peça; e não ha quem se ria de ver por exemplo Luiz XIV ou Molière, sentado em uma cadeira de Francisco I, e em um gabinete do tempo da revolução.

A primeira negra em arts dramatica é a bar-

monia; o deslocamento é sempre uma decadencia, uma destruição.

Minha sobrinha e meu urso, a primeira comedia do spectaculo, é uma dessas produções sem idéa nem these, que só tem o merito de fazer rir. E esta cumpre totalmente o seu fim; — o espirito francez está alli vivo e brilhante e o equivooco move toda a acção até ao desfeixo que a platéa já esperava de alcateá.

A traducção é optima; o Sr. Gonsalves Braga, moço de talento e bom senso, sobretudo, que é o que falta a muitos talentos — merece por certo applausos por esse trabalho.

Peço ás minhas leitoras que vão verificall-o com os seus proprios ouvidos. Mas antes disso passemos ao Lyrico que nos reclama duas penadas.

Foi ali no dia 13, em beneficio do Sr. Mirate, os *Martyres*, grande partitura de Donizetti. Os camarotes estavam cheios de lindos *toilettes* e perfis mais ou menos bellos. Os binoculos moviam-se em todos sentidos como a bussola que procura o norte. Mas por muita influencia que tivessem os camarotes sobre a platéa — sentia-se que o grande foco de attracção estava no fundo da sala. Com effeito os intervallos passavam no meio da ansiedade publica que respirava quando via erguer o panno. A opera correu bem; o Sr. Mirate e a Srna. Medori foram freneticamente applaudidos. O Sr. Mirate sobretudo mostrou os seus grandes talentos artisticos e o que delle se esperava no *Ernani* realisou-se tambem nos *Martyres*. E, com effeito, esteve arrebatador. No *Credo* do 3.º acto, foi magnificamente bem, e se não teve a elevação magestosa e epica do Tamberlik teve expressão e fé intima, o que quanto a mim está de perfeito accordo com a musica. No *dueto* final não se podia ir além do que subiram Mirate e Medori. Foi uma bella noite; oxalá que sempre tenhamos dessas no meio da monotonia em que vegetamos neste paiz sensaborão.

Não passarei porém sem uma observação. Por que o imperador depois de atravessar a praça no meio de seu triumpho tira o chapéo para arengar ao povo? Duas razões se oppõem a isso. A primeira é que um imperador daquelle tempo, e um imperador *severo* não tinha essa dose de polidez para com o povo — que o levasse a descobrir-se diante da canalha, e da canalha de Roma; a segunda é que o ar constipa, e o sol faz sezões. Ora, o imperador *severo* sempre teria bom senso para se pôr alli na rua de calva á mostra.

E' talvez uma inovação do Sr. Reina que entao *reinava* em Roma e seus adherentes; ou então um pretexto para mostrar o seu ar garboso; porque, aqui para nós, minha leitora, o Sr. Reina quando deu o seu barrete a um

dos acolitos deu um passo de verdadeira tragedia. Melpomene não o faria melhor.

Mas deixemos o Snr. Reina, e concluamos esta revista que mais longe chegamos do que esperavamos.

M—as.

Desalento.

AO NEU AMIGO LEOPOLDO LUIZ DA CUNHA.

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentos, caro amigo;
O sepulchro é um jasigo
Onde eu devo descansar;
A minha triste existencia
E' tão pezada e tão dura
Que a pedra da sepultura
Já não me pode pezar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver
Pranto, suspiros sem fim:
Que tormento fora a vida
Se não fosse transitoria!
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro
Mas ninguem della se queixa;
Quando o morto os olhos fecha
Não quer luz, quer descansar;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono
Dão-lhe tão tranquillo somno
Que não pode despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida;
Sinto a minha alma abatida,
Sem vigor o coração;
Já cansado de viver
Para a morte os olhos lanço,
Vejo nella o meu descanso
A minha consolação.

S. RABELLO.

A locomotiva e o cavallo.

FABULA DE LACHAMBEAUDIE.

Rival da Locomotiva
Um Cavallo buscou ser,
Suppondo que mais do que ella
Elle podia correr.

N'um caminho em que tomavam
Ambos igual direcção,
Disse ao Vapor o Cavallo,
Brioso escarvando o chão:

Por mais que queiras não podes
A palma ter da victoria,
Nem fazer com que o teu nome
Como o meu brilhe na historia.

Do fogo que te alimentas
As linguas vejo sahir:
E' nesse arsenal de guerra,
Que teus de te consumir.

— «Devéras, tu te apresentas
Como meu competidor?
Pretendes lutar? — lutemos,
Disse ao Cavallo o Vapor.

Máo grado a desproporção
Entre um e outro querer,
Junto da Locomotiva
Põe-se o Cavallo a correr.

Um enche os ares de pó,
Outro de negra fumaça!
Não ha triumpho entre os dous,
Pois um ao outro não passa.

Exhausto, porém, de forças,
O Cavallo cabe e morre;
Que faz a Locomotiva?
Com mais fogo inda mais corre!

Quando a proterva ignorancia
Foge do seculo á luz,
No abysmo se precipita
A que seu erro a conduz.

Sempre que a *velha rotina*
Ao *progresso* der conselho,
Será bom que não se esqueça
De se mirar neste espelho.

PAULA BRITO.

A L.

As flores pendem no hãstil mimoso,
Meu seio morre n'um gemer de amor,
Do orvalho as gotas aviventa a rosa,
Teu riso amargo traz-me n'alma a dor;
As flores riem no seu branco calix,
Meu seio morre n'um gemer de amor!



David

Gravé par J. B. LeClerc

Après Lavoisier et Van der Meulen, et Paris.

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92

Corsettes de M.^{me} Judenne, r. Bergere, 9. — Modes de Camille Bayol, r. de la Ch.^{te} d'Antin, 27.^{bis}
Coiffures de Sergent fils. — Heurs et Amie Peyrot, r. de Minerva, 8. — Lingeries de M.^{me} Jourdain, B.^{te}
de S. M. la Reine d'Angleterre, r. N.^o S. Augustin, 60. — Corses et plastrons
de M.^{me} Bouvalet, B.^{te} de Strasbourg, 5. — Mouchoirs de Chapron.

Costes de M.^{me} Comp (Dutois Succ^{te}) Col.^{le} Montpensier, 24.^{bis} | Embroideries de Cazaly, r. de S. M. l'Imperatrice, R. des Mathurins
Montres et Bijoux de Bandin frères, Rue de la Paix, 7. | Parfums de Segrand, r. de S. M. l'Empereur et des cours étrangères

A estrella d'alva n'esses céos entoa
Hymnos de encantos que dão vida ao lyrio,
E eu vejo a estrella que meu peito anhela,
Nos frios raios traz-me só martyrio;
E a estrella d'alva que nos céos caminha
Ri-se e no riso traz a vida ao lyrio.

Minha alma pura como o rio liso
Que corre brando no areal de prata
Seccou, seu leito de venturas virgens
Nem tristes prantos — ai — se quer desata!
E assim a esp'rança de minh'alma pura
Seccou nas margens do areal de prata.

Aos campos verdes que o orvalho beija
Vejo orgulhosa balouçar-se a flor,
E o sol ardente que sorveu-me os risos
Beija-a faceiro n'um sorrir de amor,
E eu nesses prados que o orvalho banha
Vejo orgulhosa balouçar-se a flor.

Minh'alma um dia repousou brincando
Nas niveas azas da pombinha — em festa,
Alli — occulto na plumagem branca —
Dormi sorrindo minha branda sesta;
E descuidoso me preendi sorrindo
Nas niveas asas da pombinha — em festa!

N'um lago manso — de esperanças lindas,
Nadei na vida da innocencia virgem,
E o sol de amores — no seu pino em fogo —
Trouxe-me angustias em fatal vertigem,
E eu — ai! — sonhando fui cortar em risos
O lago manso da innocencia virgem.

Cysne — escondido em cristalina fonte —
Ergui meu collo, balucei meu canto,
A frexa aguda de uns olhares meigos
Em vez da vida, — soluçou-me um pranto!
E eu — ai! ferido no meu seio virgem
Estrebuxando balucei um canto!

Pobre andorinha — procurei prazeres,
Ergui meu ninho n'uma nuvem linda,
Longe... bem longe... e no estalar do raio
Ai! fui ferida no meu seio ainda!
E eu triste... triste destaquei meu ninho
N'um pranto amargo d'essa nuvem linda!

Busquei um riso de gentil donzella
— Pobre pombinha — solucei meu canto!
E eu disse: — virgem, pelas dores minhas
Dá-me uma gota de teu niveo pranto.
E a linda virgem que ferio-me o seio
Sorrio! embalde eu solucei meu canto!

O brando orvalho que do céo goteja
Cabe—linda per'la na mimosa flor —
E a flor balouça no seu calix verde,
Recebe a vida nesse puro amor!

E o orvalho brando dos anjinhos lindos
Brinca no seio da mimosa flor!

Assim o pranto de teus olhos negros,
Anjo de risos — vem me dar a vida!
Despede-o, virgem, d'essa luz de encanto,
Estrella d'oiro desse amor — querida!
Ai! e uma gota de seus olhos negros
Não cahe no seio p'ra me dar a vida!

Nas brancas azas da pombinha eu ri-me,
No lago manso me espraiei brincando,
— Cysne de amores — eu cantei sorrindo,
— Cysne de angustias — hoje vou chorando!
Nas azas verdes da esperança eu ri-me,
No lago manso me espraiei brincando!

Meu ninho d'oiro fui plantar nas nuvens
Longe... e lá mesmo penetrou-me o raio!
Cysne de luto — só desgraças canto,
Na minha endeixa só de amor desmaio!
Meu ninho d'oiro quiz plantar nas nuvens,
Lá mesmo em chammias penetrou-me o raio!

J. J. C. DE MACEDO JUNIOR.

A um proscripto.

Agosto de 1859.

E' um canto de irmão. Crispam meus labios
Enthusiasmo, convulsões crueis!
Toma esta lyra; consagrei-a aos bravos;
Não n'a mancháram saturnaes de escravos,
A's oppressões dos reis.

Uma idéa vital pulsa-lhe as cordas;
Ellas palpitam na ovação de heróes!
Minha musa tem fé, arde-lhe innata;
A mão que antes sellára de insensata
Não beijará depois.

Eu te saúdo, espirito sem pés,
Que não gastáram cortesãos festins!
Proscripto errante que sustaste o pranto,
E sentiste e velaste o fogo santo
Que velaram Franklins.

Eu te saúdo, coração fervente,
No apostolado da missão do ceu;
Que sentes no teu horto — atroz miseria!
Depedaçar-te arteria por arteria
O corvo de Prometheu!

Dez annos! longe o lar de teus affectos!
Dez annos de cruenta proscricção!
O horisonte da patria vai fechado;
A teus pés que infortunios de exilado
Rebentam desse chão!

Longe! bem longe a oppressão lançou-te ...
 Miseria, nem coragem de lutar!
 Um dia despertaste enfim proscripto;
 Como o viajor da lenda ergueu-te um grito:
 — Caminhar! caminhar!

Foste vencido... era forçoso aos thronos!
 Mas cahindo, cahiste vencedor,
 Mais alto do que então inda te erguias;
 Gloria a ti nessas rudes agonias,
 Vergonha ao oppressor!

Gloria a ti que aos azares do caminho
 Da alma guardaste as roupas de vestal!
 Vergonha ao oppressor, corvo sedento,
 Que rasga sem piedade de um lamento
 A aguia nacional!

Gloria a ti, cujos labios não cuspiram
 Da liberdade no lustral jordão.
 A agua desse baptismo é-nos sagrada;
 Vergonha ao que na frente baptisada
 Sellou de proscricção!

Mas espera! essas nuvens de tormenta
 Vai rasgar o clarão de um novo sol!
 A hora bateu ás velhas monarchias;
 Da nova geração, dos novos dias,
 Já se tinge o arrebol...

Os reis tiritarão entre os sudarios
 Quando essa aurora em novo céu fulgir;
 A idéa pousará nos santuarios;
 E os povos se erguerão sobre os calvarios
 Aos cantos do porvir!

MACHADO DE ASSIS.

Pensativa.

Que sentes, virgem? o que dizem tristes,
 As frias per'las que dos olhos pendem,
 Como estrellas de prata
 Em céu de amores percorrendo incertas,
 Para logo cahir uma por uma
 Nos sepulchros do mar?

Virgem, que sentes?.. O teu rosto é lindo
 Como as flores da terra... e mesmo pallido
 E quasi já sem vida,
 Tem um *que* que seduz, e como as flores
 Um cântico merece de enlevados
 Mil suspiros do bardo!

Em que scismas, bella estatua de Niobe?
 Nas solidões da terra, peregrina
 Maravilha de Deus,

Porque assim tão triste e pensativa
 Vagas de ermo em ermo, qual se foras
 Vaporosa illusão?

Quem de lyrio as tuas lindas faces
 Tão cedo desbotou?.. quem do teu peito
 A's maguas deu origem?
 Anjo ou mulher, responde; quero o pranto,
 Os pezares beber dos lindos olhos
 Que em lagrimas se empanam!

Por uma dessas lagrimas sentidas
 Quantos annos daria um pobre bardo,
 Quantos poemas de amor?..
 Por um ai, um suspiro, que afflictivo
 Se esvai dos seios d'alma, quantos dias
 Dos seus — na eternidade?..

Nuvem, que passas pelo céu vagando,
 Ai!.. deixa que este sol que tanto occultas,
 Aqueça o frio corpo
 Da beldade, que em vão buscara Phidias
 Se quizera esculpir em ouro ou marmor
 De Deus as phantasias!

Tudo é triste!.. o astro — rei da noite
 Mal começa a mostrar a face sua
 No nebuloso céu;
 Tudo é triste!.. e sempre pensativa,
 Vendo o dia volver e logo a noite,
 Sem accordo de vida!..

Virgem, que sentes, em que scismas, virgem?
 Quem tão cedo cortou-te as brancas azas
 Dos prazeres extinetos?
 Quem foi que o pó alevantou da terra
 Em negras nuvens transformando os dias
 De teu bello futuro?..

Virgem, que pensas?.. Nada diz!.. de balde
 Um sorriso brincando á flor dos labios
 Anhelante buscaras!
 Do seu longo scismar em vão quizeras
 Ver-a despertar!.. profundo é o somno
 Do seu abatimento!

Mas falla-lhe de amor! e logo as faces
 Em lindas cores mostrarão de vida
 Um pensamento occulto!..
 Falla-lhe de amor, e hasde ver — senhora
 Dispor de teu destino, qual sybilla
 Inspirada por Deus!

Chronica elegante.

Li não sei onde, que Montaigne, o philosophe
 Montaigne, dignava-se ás vezes escrever alguns
 artigos de moda; não ó, pois, de admirar que

ou, que sempre tive queda para o *dandysmo* e que não sou philosopho, me occupe tambem d'ella. Ha nisto muita conveniencia, muita utilidade: a conveniencia toca-me por casa, e da utilidade participam as bellas leitoras.

Querem saber agora, sem duvida, que conveniencias posso eu tirar de similhante assumpto; pois não ficarão ignorando.

Todas as semanas, pelo menos uma vez, visto-me de ponto em branco, luneta no olho, bengalinha na mão, bigode torcido, e lá sigo caminho da rua do Ouvidor. Entro n'uma e n'outra casa, vejo muita modista bonitinha e aproveitando-me do character official, cujas regalias dá-me a redacção da *chronica elegante*. converso com ellas, melhor talvez do que estou agora conversando com a bella leitora.

Já veem que isto não é pouco: conversar com uma modista da rua do Ouvidor é felicidade que não cabe a todos.

Decididamente não me demitto do cargo que exerço n'esta revista: com isto lucraremos todos: o bello sexo, por que fica em dia com tudo quanto de melhor for apparecendo; e eu por que ganharei um sorriso amavel, uma palavrinha doce e um conselho sincero das espirituosas francezinhas, que não cessam de dizer que devo proclamar a abolição dos chapéos de lavedeira, substituindo-os por uns de palha lindamente enfeitados, ou por uns de seda tambem lindissimos, que costumam estar expostos como *chamariz* em certas vidraças, tão amaldiçoadas pelas algibeiras dos velhos e pelos pais de familia.

Os velhos não comprehendem, siquer, o sentido da palavra moda; para elles a moda é o *commodo* no sentido absoluto da palavra, e este *commodo* não exprime mais do que a simplicidade e a barateza.

Deixemos os velhos com as suas extravagantes ideias de outras eras; hoje a epoca é do progresso: *le monde marche*, como disse Eugenio Pellatan no titulo de um excellente livro.

As cassas e lans, as sedas e bareges, os chales e manteletes, si por outro lado não se podesse provar, ahí estão para com sua infinita variedade de gostos e côres attestarem a verdade d'aquella citação.

Le monde marche: as irradiações da intelligencia vão se estendendo até o infinito: a sciencia e a litteratura vão nas suas conquistas avassalando os povos e dominando o mundo. E a moda tem sua sciencia, tem sua litteratura; aquella está na tesoura do alfaiate e da costureira, e esta nas fabricas de Lyão, Chantilly, Vallenciennes, e capital da França, que é o seu foco luminoso.

Alguns annos a esta parte, o Rio de Janeiro mostrava-se unicamente elegante nos salões, nos bailes, e ás vezes nos passeios; hoje não é só a cidade que se ostenta vaidosa em meio de sedas e rendas; no campo tambem a *cocqueterie* e o *chic* assentaram o seu dominio: alli, como na cidade, vemos a belleza e o apparatus com todo o seu rigorismo preoccuparem até mesmo nos seus sonhos as amaveis fluminenses.

Nas duas chronicas já publicadas no primeiro e segundo numero do *Espelho* não especializamos os *toilettes* mais usados nos passeios campestres e mais proprios para a estação calmosa, que já se vai approximando.

Cumpra, pois, entregarmo-nos hoje particularmente á esse estudo.

Citarei em primeiro lugar um *toilette á negligée*, que de nada mais se compõe do que de um vestido muito similhante á um roupão, e differençando-se d'elle apenas pelo talhe na cintura, que dispensa o cinto ou cos. Este vestido é abotoado pela frente, toda aberta; a saia tem grande roda, sendo o corpinho e as mangas da *medida velha*, como se costuma dizer.

Como muitas pessoas, porém, não gostam d'aquillo que, ainda que officialmente apregoado como moderno, traz comtudo certo cunho de antiguidade, daremos um outro *toilette* talvez mais bonito. E' elle de fazenda transparente, de cassa ou de barege, com saiote; tem as mangas mui largas.

Este saiote, bem como a saia e as mangas; costuma ser guarnecido de uma grega de côr approximada á do vestido.

O primeiro é ornado unicamente de uma trança em forma de alamares, desde o corpinho até a barra da saia.

Estes *toilettes* completam-se, o primeiro por um chapéo á *mosquetaire*, e o segundo por outro menos interessante, mas que resguarda melhor dos raios do sol o rosto daquellas que delle usam.

O que melhor encontrei deserevi, e uma vez que fallei tambem em chapéos, permita a leitora que, com a maior reverencia tirando-lhe o meu, diga-lhe um terno adeus — até domingo.

Noticias á mão.

(CHRONICA INDUSTRIAL E ARTISTICA.)

— Na loja de pianos e musicas do Snr. Raphael Coelho Machado, acaba de ser publicada pelo nosso pianista Geraldo Horta, uma linda quadri-lha burlasca, cujo assumpto é tirado de varias

canções dos negros dos Estados-Unidos. Intitula-se ella *Bamboulá*, e merece toda a acceitação de nossas leitoras, a quem recommendamol a.

— Qual de nossas leitoras não conhece um liquido muito odorifero, que existe á venda, em pequenos vidros, na loja de perfumarias da rua da Ajuda, sob o titulo agua da rainha de Hungria?

Cremos que nenhuma; e por isso julgamos fazer um serviço apresentando a formula de sua composição, para que aquellas das leitoras que o quizerem possa por suas proprias mãos preparal-a. A formula é a seguinte:

Legitimo espirito de vinho	60°	1	gallão.
Espirito de rosmarin hungaro		2	onças.
Dito de casca de limão		1	dita.
Dito de melissa		1	dita.
Dito de hortelã		1/2	drachma.
Dita de rosa		1	pinto.
Extracto de flôr de laranja		1	dito.

As virtudes desta agua tem ganho justa celebridade em todo o mundo.

— Agradecemos ao Snr. Luiz A. Cruvello o interesse que pela nossa revista mostra tomar, offerecendo-nos algumas de suas bellissimas composições de musica. Aceitando a sua prestimosa coadjuvação, julgamos crear novo incentivo para maior circulação do *Espeelho*.

— Acabavamos de escrever estas linhas, quando recebemos de nosso bem conceituado pianista o Snr. Geraldo Horta, a offerta de uma sentida melodia para piano forte, por elle composta, dedicada ao Snr. commendador João Caetano dos Santos, e á redacção desta revista offerecida para com ella ser publicada. Lisonjamo-nos com esta nova prova de consideração prestada ao *Espeelho*.

— Deve ir hoje á scena no theatro de S. Januario o interessante drama denominado — *A Graça de Deus*. — Sabem todos que é nessa mimosa producção da arte que brilha a nossa muito sympathica actriz a Snra. Jesuina Montani.

Estreá no mesmo drama no papel de *Chonchon* a Snra. Deolinda da Silveira. E' uma actriz de talento, cuja acquisição para esse theatro é mais uma probabilidade de um futuro rissonho para essa companhia que tão modestamente começa a desenvolver-se.

Esperamos e mesmo convidamos que o publico vá ainda uma vez gozar no velho e tradicional theatrinho um desses serões artisticos que tanta impressão deixam no espirito.

— Acabamos de ver as paisagens feitas pelo habil e talentoso photographo, o Snr. Victor

Frond. São vistas tomadas de varios pontos do interior, que o Snr. Frond pretende colleccionar em um album que será feito em Paris e distribuido com o terceiro volume da obra do Snr. Ch. Ribeyrolles, *O Brasil Pittoresco*.

O habil photographo não poupou esforços para conseguir um trabalho delicado. Fez longas excursões pelos municipios do interior; e onde a natureza mais opulenta se ostentava, elle armava a sua tenda de artista e reproduzia na lamina admiraveis panoramas soberbos.

O terceiro volume estará prompto em breve, segundo nos consta, e com elle terá o publico um album de magnificas paginas.

— O monumento erigido na praça da Constituição pela sociedade Petalogica em applauso ao dia 7 de Setembro, anniversario de nossa emancipação politica, acha-se habilmente lithographado em casa do Sr. Leusinger, na rua do Ouvidor. E' de um effeito maravilhoso.

O quadro representa a praça brilhantemente illuminada, e a grande concorrência que nas tres noites d'esta festividade alli houve.

— O Snr. Bernardim Lamberti artista e emprezario de construcção de predios e machinas hydraulicas, é um homem que sabe de sua arte e tem aqui dado provas de sua pericia e gosto em diversas edificações que primam pelo estylo e pela solidez. Recommendamol-o ao publico que o póde procurar na rua do Cano n. 47.

Bulletim bibliographico.

Acaba de ser publicado na typographia do Sr. B. C. Pinto de Souza, um folheto sob o titulo *Typos Bur'escos*. O seu autor, o Sr. Bruno Seabra, pelo que deixa ver, pretende continuar esta publicação.

Pela leitura que delle fizemos vimos que o seu autor tem vocação para o estylo faceto.

Aguardamos a continuação do seu trabalho para melhor espendermos o nosso juizo.

Aos nossos assignantes pedimos hajam de re- levar-nos qualquer irregularidade que por ventura se dê na entrega d'esta revista, participando-nos em tempo a fim de evitarmos a sua reproducção.